



PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO

(A cargo de Ottaviano Turrioni, Ministro da Fraternidade de Cannara – Perugia,
com a colaboração de Fr. Alfred Parambakathu OFMConv., Assistente Geral da OFS)

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Premissa

A época de São Francisco (1182-1226) inclui-se no vasto fenómeno de renovação e renascimento social, económico e religioso que ocorre nos séculos XI-XIII, durante os quais a sociedade feudal entra em crise e lentamente se forma uma nova ordem, mais comunitária e civil, acompanhada de novos e interessantes ímpetus religiosos.

Na Igreja, as razões de corrupção e mundanidade tinham estado presentes durante muito tempo a vários níveis: a intromissão do poder político (imperadores do Sacro Império Romano Germânico, a partir de Carlos Magno - século IX) na nomeação dos bispos e do Papa tinha contribuído em grande medida para contaminar o grau de moralidade de muitos membros da instituição eclesiástica.

1. Movimento reformista de origem beneditina.

O fenómeno que passou à história como "movimento reformador" da Igreja começou no Mosteiro de Cluny (França), fundado em 910 com o objetivo de trazer a Igreja às suas origens evangélicas, facilitando o retorno à Regra de São Bento como esta era originalmente. A força deste mosteiro, que logo se tornou um centro de grande espiritualidade, resultava do facto do Papado ter tornado o Abade diretamente dependente da Santa Sé, tirando-o da jurisdição do bispo, uma "revolução" em relação aos costumes do tempo, quando era comum que pessoas com ligação ao poder político ou indicadas por este fossem elevadas à condição de bispo.

Seguindo o exemplo de Cluny, assim nasceram o mosteiro de Camaldoli (fundado por S. Romualdo em 1012), de Vallombrosa (por S. Giovanni Gualberto, em 1036) e outras instituições monásticas como os Cartuxos (S. Bruno de Colónia, 1030) e os Cistercienses (S. Roberto di Molesme, 1024-1111 e, sobretudo, S. Bernardo di Chiaravalle, 1090-1153).

2. Renascimento europeu

Tinha sido notável o contributo destas ordens monásticas na intensificação duma tomada de consciência para um retorno ao espírito evangélico, combinada com estas novas perspectivas de vida ligadas ao fenómeno emergente do "renascimento europeu" depois do ano 1000.

Foi um renascimento determinado por vários fatores: o fim das invasões bárbaras, o considerável aumento demográfico, o declínio do feudalismo como sistema político, a expansão das cidades, o desenvolvimento económico e cultural e, também, o movimento de reforma da Igreja, que foi sendo oprimida por dois males generalizados: a simonia (a aquisição de cargos eclesiásticos) e o concubinato (a violação do celibato eclesiástico). Estes males estavam fortemente ligados à política de interferência na vida da Igreja, tanto por parte do poder político imperial como por parte do feudalismo secular.

Duas figuras de papas surgem na luta que a Igreja travou para escapar do poder imperial e recuperar a sua liberdade: NICOLAU II (980-1061) e, principalmente, GREGÓRIO VII (por volta de 1015-1085).

Nicolau II imprimiu uma forte ação destinada a tirar da equação da eleição do Papa, o povo romano e aprovação do imperador: só o colégio dos cardeais devia eleger o Papa (Sínodo de 1059). O contraste potenciou-se ainda mais com o papa Gregório VII e o imperador Henrique IV. Eles foram os principais protagonistas da denominada "Luta pelas investiduras", fenómeno que se prolongou por várias décadas e terminou em 1122 com a Concordata de Worms: um compromisso, fonte de discórdia futura, mas que, entretanto, marcou o reconhecimento da autonomia do papado.

3. Da espiritualidade monástica ao nascimento de uma nova espiritualidade laica.

Mencionámos anteriormente as ordens monásticas. Na base da sua proposta de vida cristã estava a convicção de que a realidade terrena era fonte de perigo espiritual e que só a relação individual com Deus, vivida na renúncia e austeridade da vida de um mosteiro, podia abrir o caminho à salvação. Uma visão, é claro, oposta à do clero simoniaco e concubinário, dedicado aos interesses mundanos. De qualquer forma, embora a ação levada a cabo pelo monaquismo também tenha mantido na sua estrutura elementos de contacto com o sistema feudal (a proveniência de muitos monges de famílias nobres, nascimento de abadias financiadas muitas vezes por grandes senhores ...), este ideal alimentou um grande fervor religioso capaz de atrair muita gente.

Contudo, as grandes mudanças que ocorreram na sociedade depois do ano 1000 também se repercutiram na forma de viver a dimensão religiosa por parte dos leigos: foi surgindo uma nova consciência, uma sensibilidade mais autêntica, mais próxima da Igreja primitiva, que queria aproximar o Evangelho à vida quotidiana, a Igreja ao mundo e a ideia de que até mesmo os leigos podiam viver a mensagem do Evangelho na sua vida diária. Um pensamento verdadeiramente novo em comparação com aquele onde se acreditava só ser possível alcançar a perfeição cristã no "contemptus mundi" (desprezo pelo mundo), aderindo à vida monástica ou eremítica, com a rejeição da sociedade e das preocupações mundanas.

O forte desejo de voltar ao espírito do Evangelho, todavia, produziu em alguns casos atitudes polémicas, de oposição à Igreja e à corrupção dessa parte da sua hierarquia que tinha mundanizado a sua missão. Movimentos como os Cátaros, os Valdenses, os Arnaldistas, os Humilhados, nasceram como resposta a este estado de coisas, mas foram muito além, chegando a apoiar posições doutrinárias consideradas heterodoxas e condenadas pela Igreja como tal (Concílio de Verona, 1184).

4. A tradição penitencial e a sua evolução após o ano 1000

Na história da Igreja, o movimento penitencial tem origens muito antigas. Incluía aqueles que, depois de batizados, pretendiam conformar suas vidas à vontade de Deus. Mas nem sempre a

coerência foi respeitada: para aqueles que continuavam a cometer pecados graves era possível o perdão, desde que ele realmente tivesse mudado a sua vida interior e comportamento diário, fazendo penitência, que consistia em orações, abstinência, esmolas... Entrar na "penitência" significava expor a sua vontade durante uma cerimônia pública na presença do bispo, aceitando a nova condição de vida visível a todos: o lugar ao fundo da igreja, a posição de joelhos, um vestido desgastado, o cabelo rapado, a barba longa... Só depois de ter cumprido o tempo estabelecido para a penitência poderia ser admitido na categoria ou Ordem dos Penitentes, cujo estilo de vida, para além de usar uma roupa miserável (túnica), deveria recusar-se a realizar trabalhos que poderiam ser prejudiciais para a própria alma, tais como atividades comerciais e financeiras, ou participar em festas populares e os espetáculos. Também era proibido manejar armas e participar em guerras.

Outras características da vida do penitente eram o **jejum**, como estabelecido pelas disposições eclesiais, especialmente nas três quaresmas anuais: da Páscoa, depois do Pentecostes, do Natal; também a **flagelação voluntária** era considerada um castigo que substituíam outros pecados; a **peregrinação**, isto é, ir a lugares distantes de considerável importância religiosa, era uma forma de penitência praticada ao longo dos séculos. Outra condição penitencial, que poderia ser escolhida por monges e leigos, era o **eremitismo**, o isolamento do mundo para procurar somente Deus.

5. Os leigos perante a "fraternidade"

Reflexo das grandes transformações económicas e sociais também ocorreram na evolução do "estado penitencial": já não era uma "fuga do mundo" em termos individuais para perseguir o ideal cristão, mas um "estar no mundo" colocando o Evangelho no centro com o propósito de imitar Cristo pobre e humilde.

Esta tensão perante um ideal tão elevado agregou muitos fiéis leigos, que em algumas realidades deram origem a grupos ou "Fraternidade" de pessoas casadas e celibatárias que, mesmo sem necessariamente viverem juntas, adotaram o mesmo compromisso de vida penitencial, o mesmo "Propositum Vitae" (cf. P. RIVI, *Francesco d'Assisi e il laicato del suo tempo*, Collana TAU/2, Rimini 2004, p. 64). A sagacidade do Papa Inocêncio III (1160-1216) em acolher os novos movimentos leigos no seio da Igreja Católica favoreceu os movimentos penitenciais: foi ele quem reabriu o caso do Movimento dos Humilhados (1201) e os aprovou com uma carta de junho de 1201. Esta continha o *Propositum* com o qual era regulado o modo de vida dos Humilhados: humildade, paciência, caridade, jejum e oração eram os princípios inspiradores. Portanto, podemos considerar a Terceira Ordem dos Humilhados, uma forma de vida que de alguma forma precede a Terceira Ordem Franciscana.

Será a extraordinária experiência humana e religiosa de Francisco de Assis que porá fim ao longo processo de renovação do estado penitencial. "Nele é possível captar ao mesmo tempo o expoente máximo das mais autênticas aspirações humanas e cristãs dos leigos e a mais luminosa proposta de solução ..." (P. RIVI, *Francesco d'Assisi ... cit.*, P. 72). O seu exemplo, as suas palavras alimentarão um florescimento impressionante de homens e mulheres que sob diferentes formas procuraram o caminho da perfeição cristã.

6. Francisco penitente

Quando Francisco finalmente compreende que as seduções do mundo (o dinheiro, o sonho de realizar-se como cavaleiro, participar nas vivências mundanas dos seus companheiros ...) não consegue dar um sentido profundo à sua vida, inicia um caminho interior à procura de uma nova forma de vida que o leva a descobrir e viver a centralidade do Evangelho.

No início de sua nova experiência religiosa, Francisco sente o chamamento da espiritualidade penitencial, como ele mesmo escreve no seu Testamento:

O Senhor deu a mim, Frei Francisco, a graça de começar a fazer penitência: porque, quando estava em pecados, parecia-me muito amargo ver os leprosos, e o próprio Senhor me conduziu ao meio deles, e com eles usei de misericórdia. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo. E depois, passado um pouco, saí do século.

Mas a expressão "saí do século" não deve ser entendida como uma fuga do mundo para retirar-se para um mosteiro ou viver numa floresta ou à maneira de um eremita: o isolamento em que Francisco e os seus primeiros companheiros vivem é "de forma itinerante que não exclui em absoluto o contato com o mundo ..." e seu desejo de "modelar-se segundo a forma do santo Evangelho" só podia movê-lo na direção a vida apostólica, isto é, uma vida mais ativa entre o povo "(G. CASAGRANDE, *Un Ordine per i laici. Penitenza e Penitenti nel Duecento*, in *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia Franciscana*, Turim, 1997, pág. 238).

É o próprio Tomás de Celano na *Vida Primeira* (35) a sublinhar que Francisco tinha a consciência que teria sido enviado por Deus para Lhe levar as almas pelas quais Ele tinha morrido, e se devemos acreditar nas *Florinhas de S. Francisco* (cap. XVI) Francisco tinha a certeza disso, seguindo os conselhos de frei Silvestre e de Santa Clara. Mas também Inocêncio III o encorajou a continuar na pregação, como relata Celano (*Vida Segunda*, 17, 9) que escreve:

Francisco, então, com a autoridade que Lhe foi concedida, começou a lançar as sementes das virtudes, pregando com maior fervor por toda a parte, nas cidades e vilas.

Esta é uma pregação dirigida a todos: homens e mulheres, jovens e idosos, sãos e doentes, operários e camponeses, nobres e plebeus ..., uma mensagem de conversão e penitência para viver coerentemente o Evangelho. O tema da "penitência" é central para a vida do Santo e na sua pregação. Qual é o seu conteúdo?

As duas redações da *Carta aos fiéis* podem considerar-se o núcleo das suas "*normas de vida e de salvação*" (A. FREGONA, *L'Ordine Franciscana Secolare* cit., P. 83) que, a partir do amor a Deus, concretiza-se no amor ao próximo e aos inimigos, em misericórdia, caridade, humildade, pureza, simplicidade, desprezo pelo corpo e seus vícios, frequência na confissão e comunhão eucarística ... São indicações da vida que Francisco e seus primeiros companheiros oferecem no seu contato com o povo, na pregação que transmite serenidade e otimismo, capaz de despertar um número crescente de pessoas, casadas e celibatárias, que optam por viver como penitentes permanecendo nas próprias casas, sem renunciar à sua família, ao seu trabalho.

Conclusão

O estado da penitência voluntária, portanto, existia desde a Antiguidade e era uma forma de vida que a Igreja reconhecia para aqueles leigos que queriam abraçá-la e que podia expressar-se de diferentes formas. Diferente, nova e original foi a "forma de vida" indicada por Francisco para os leigos, que foi a base do intenso renascimento do movimento penitencial, especialmente no centro-Norte da Itália: um fenómeno tão prolífero que não podia deixar de ser tomado em consideração pela Cúria Romana.

Assim chegamos à emissão da **Memoriale Propositi** de 1221.